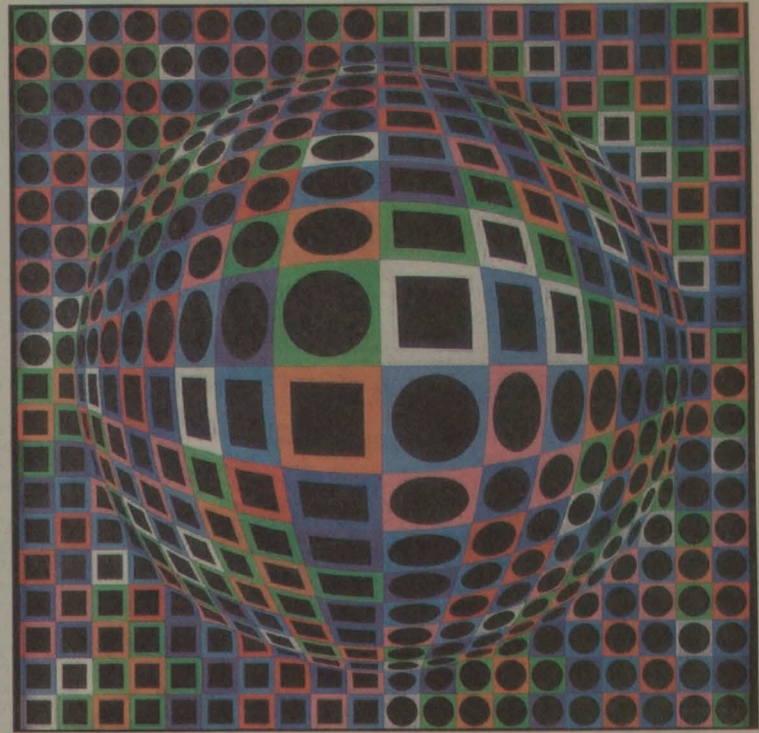


VISUAIS



'Quebra-Mar em Espiral', construído por Robert Smithson em 1970 no Estado de Utah (EUA): earth art



'Vega-Gyongiy-2', de Victor Vasarely (71), um dos mais influentes da op art

A arte moderna e contemporânea em miúdos

Guia é ferramenta útil para entender a rede cada vez mais complexa de estilos e tendências

MARIA HIRSZMAN

Nabis, tachismo, earth art... Esses nomes curiosos, usados para definir procedimentos e categorias de arte moderna e contemporânea, que muitas vezes confundem o público leigo e são usados hermeticamente pelos especialistas como prova de erudição, têm seu significado um pouco mais acessível com a publicação no País de um precioso e didático livro: *Estilos, Escolas e Movimentos - Guia Enciclopédico da Arte Moderna*, de Amy Dempsey (Cosac & Naify, 304 págs., R\$ 149).

Despretensiosa, a obra procura elucidar numa linguagem acessível o significado de uma centena de estilos fundamentais da arte moderna, desde o impressionismo até nossos dias. Ela tem uma estrutura que simplifica a consulta e é ricamente ilustrada - o que facilita de mais a compreensão dos itens tratados -, sendo dividida em cinco grandes blocos cronológicos. Há ainda uma lista/dicionário com 200 estilos fundamentais e complementares e uma interessante linha do tempo, na qual os verbetes estão separados em três grandes blocos: Arte para o Povo, Arte e Estilo e Arte e Mente. Graças a essa estratégia de



Foto sem título de Cindy Sherman (81), que ilustra verbete do pós-modernismo

abertura e contextualidade é possível perceber as coincidências, asidas e vindas de uma determinada tendência, retomada de formas diferentes mas cíclicas ao longo de um período histórico rico e conturbado como esse. Convém lembrar que não é seu objetivo traçar divisórias e critérios para definir o que é escola, estilo ou movimento.

"Impressionismo e fauvismo foram rótulos aplicados por críticos sarcásticos. (...) Pós-impressionismo se refere mais a um período do que a um estilo, vídeo é uma mídia

e Bauhaus, uma instituição educativa", brinca a autora na introdução, complementando que, e não podia ser de outra forma, esta é uma seleção subjetiva de temas e profissionais. Mas nem por isso ela é arbitrária.

Ter a possibilidade de ampliar o vocabulário e a compreensão acerca da arte contemporânea de maneira fluida, didática e divertida é mais importante do que aprender que os Nabis (de profeta, em hebraico) eram uma irmandade secreta fundada em 1888, que se rebelou contra o

Auto-retrato de Tamara de Lempicka (1925): refinamento art déco



BRASIL É LEMBRADO APENAS PELA ARQUITETURA

tachismo e teve Gauguin como seu principal expoente; que o tachismo é termo que designa "uma forma de arte abstrata expressiva e gestual, sobretudo na França, nos anos 50" e sinônimo de arte informal (associado à arte bruta, ao leticismo e à abstração lírica); ou ainda que earth art (ou land art) é uma tentativa, surgida no final dos anos 60 nos EUA, de expandir os limites da arte e transformar a natureza em material de criação.

Além das ilustrações, das remis-

sões e das histórias curiosas - como a surra dada por Marinetti, Carrà e Boccioni no crítico Ardengo Soffici - no terraço de um café florentino - o que não impediu que ele, que também era artista e poeta, aderisse ao movimento futurista em 1913, há um detalhe interessante no projeto editorial desse livro, que lhe dá um sabor todo especial, permitindo uma leitura diagonal típica e saborosa.

Trata-se das epígrafes selecionadas para cada um dos temas. "As co-

res se tomaram cargas de dinamite. Elas deveriam explodir em luzes. Tudo poderia ser elevado acima do real", afirma André Derain na abertura do verbete sobre o fauvismo. É Julian Gris quem define a alma do cubismo: "A verdade está além de qualquer realismo e a aparência das coisas não deveria ser confundida com sua essência. Meus quadros são uma repressão a Deus por tudo aquilo que ele fez de errado" é a ira de Max Beckman contra a guerra. Uma aliança precisa entre discurso e imagem.

O único defeito do livro é considerar exclusivamente a arte primeiro-mundista (do Brasil, só Niemeyer e Lúcio Costa), em especial a anglo-saxã, o que se justifica parcialmente pela identidade e trajetória da autora. Isso fica ainda mais evidente nas dicas de bibliografia contidas em cada um dos verbetes. Historiadora de arte, sob a orientação da célebre crítica Rosalind Krauss, Amy trabalhou em galerias e museus americanos e londrinos. A pesquisa foi lançada ano passado pela Thames & Hudson Ltd, de Londres, e levou apenas um ano para chegar até nós. Resta aos leitores brasileiros fazer o que sempre fizeram: adaptar o instrumental internacional para a compreensão do cenário artístico nacional, o que deixa ainda mais evidente o grau de sintonia, dependência ou inserção (dependendo da ótica adotada) local em relação aos ditames do centro.

Catálogo desvenda riquezas guardadas no acervo do MAC

Destaques são analisados em edição luxuosa, para divulgar o museu no País e no exterior

O Museu de Arte Contemporânea (MAC) acaba de ganhar um belo retrato. Apresentando 200 das 8 mil obras que fazem desse acervo um dos maiores e mais ricos conjuntos de arte moderna e contemporânea da América Latina, o luxuoso livro (Comunicação, 316 págs., R\$ 120) procura integrar uma introdução da importância do museu, enquanto depositário e gestor de um importante patrimônio cultural, a uma análise cuidadosa dos principais destaques.

A seleção de obras funciona como uma espécie de curadoria e foi realizada pelo ex-diretor, José Teixeira Coelho, que iniciou em sua gestão o projeto deste livro. Sua publicação coube à atual diretora, Elza Ajzenberg, que no texto de abertura faz questão de lembrar outras personalidades centrais na história da instituição como Walter Zanini, Wolfgang Pfeiffer, Aracy Amaral e Ana Mae Barbosa. Infelizmente, o espaço é pequeno e as referências históricas estão bem resumidas, para dar toda ênfase às obras. Não há nos textos uma explana-

ção detalhada sobre o projeto editorial, mas uma grande parte das escolhas é evidente e incontornável. A bela cena pontilhista de uma mãe e uma criança num parque, pintada por Giacomo Balla é a abertura por excelência de qualquer catálogo do MAC. Um convidado de renome internacional e ainda marcado pelas lições do impressionismo que abre as portas para os mestres modernistas locais: Vicente do Rêgo Monteiro e Cândido Portinari.

Logo de cara a publicação deixa clara um de seus principais objetivos: a conexão entre arte brasileira e internacional, com uma submissão da primeira em relação à segunda. Amedeo Modigliani (num auto-retrato) é apresentado ao lado de A Boba, numa interessante aproximação entre dois universos de caráter fortemente expressivo. Eles compõem o núcleo de retratos, iniciado com Rêgo Monteiro e Portinari, destacado em função

do fato de esse ser o gênero mais popular da pintura a partir do renascimento.

Seguindo a lógica dos núcleos temáticos, temos uma interessante seleção de naturezas-mortas cubistas, assinadas por nomes como Georges Braque, Raoul Dufy e André Lhote. Nesses trabalhos nota-



'Casas', de Mario Zanini (1960): acervo conta com 8 mil obras

se uma alteração profunda das concepções sobre o espaço, como ressalta Sílvia Meira no texto que acompanha as imagens (as notas explicativas são assinadas por 11 autores diferentes). "O espaço na pintura deixa de ser físico, objetivo e exterior, passando a ser subjetivo e perceptivo", conclui.

Futurismo de De Chirico (com o célebre *O Enigma de um Dia*, um dos orgulhos da coleção), a antropofagia e a cor brasileira de Tarsila do Amaral, as experiências surrealistas de Picabia e Ismael Nery, o construtivismo geométrico de Arp vão desfilando diante dos nossos olhos conforme folheamos a obra e confirmam um diagnóstico curioso em relação ao MAC que,

apesar de ter o termo contemporâneo em seu nome, tem sua grande força no belo acervo modernista que possui.

Mesmo assim há uma evidente intenção de mostrar que o museu procurou manter-se atual, garantindo a presença, de qualidade, dos grandes nomes da produção mais recente como Nelson Leirer, Regina Silveira, Carmela Gross, Siron Franco, etc. Há também estrangeiros nesse grupo de investigações mais contemporâneas, mas essa presença é bastante tímida em função principalmente da absoluta falta de verba para aquisições, impedindo que o museu amplie a bela herança que recebeu, com a coleção de Cicillo Matarazzo. (M.H.)



'Concreção 7958', de Luiz Sacilotto: abstracionismo predomina

Produção brasileira em foco

Livro traça perfil da coleção do banco JP Morgan, iniciada nos anos 60

Uma publicação alenta traz a público o acervo de uma das mais antigas coleções privadas brasileiras, que desde a década de 60 vem procurando traçar um perfil representativo da arte contemporânea nacional. Com texto de Luiz Camillo Osorio, crítico carioca que desde 2002 é consultor de arte do JP Morgan, o livro *História de uma Coleção* não apenas traz uma bela seleção de imagens dos destaques da coleção do JP Morgan (antigo Chase) e o elenco completo do acervo com referências básicas, como elabora uma interessante reflexão sobre a importância do colecionismo privado e de alguns estilos predominantes no período contemplado.

O grande destaque da coleção, que não se encaixa em nenhum dos temas desdobrados em capítulos, é o enorme tríptico de Di Cavalcanti, *Navio Negroiro*. Trata-se de um raro

exemplo de pintura modernista num acervo marcado por uma forte presença da abstração informal (Tomie Ohtake e Yolanda Mohalyki estando bem representados). "Não parece de todo absurdo imaginar uma estratégia, por mais sutil que ela tenha sido, de defesa da poética fortemente vinculada à escola de Nova York", diagnostica com precisão Osorio, partindo das pistas concretas existentes neste acervo montado por vontade direta de David Rockefeller.

Se pensarmos a abstração em termos mais amplos é possível afirmar que ela corresponde a uma grande parcela da coleção de mais de 700 itens e que busca privilegiar a produção jovem e os artistas em crise de meio de carreira. *Entre Concretos e Conceituais* foi o título encontrado para esse segundo segmento de cunho mais abstracionista e reúne artistas tão díspares quanto Hércules Barsotti, Luiz Sacilotto e Waltercio Caldas. Há ainda espaço reservado para um segmento intitulado *Pintura e Sociedade* e para as experimentações mais recentes com a gravura, a fotografia. (M.H.)

BRAS EXAMINADAS POR 11 AUTORES